

Documentário e Ativismo

Marcus Freire & Manuela Penafria*

Para a 25ª edição da *DOC On-line*, lançaram os Editores como tema as ligações, sobejamente férteis, entre o documentário e os mais variados movimentos de defesa dos direitos humanos do nosso planeta. A história do documentário confunde-se com a história e evolução desses movimentos e é imperativo constantemente reafirmar essa ligação.

O momento para assim proceder não poderia ser mais propício. Temos assistido, em todos os quadrantes do nosso conturbado mundo, a um questionamento de valores que até há muito pouco tempo eram considerados sustentáculos inquestionáveis da democracia moderna. Nos quatro cantos do globo germinam figuras políticas que desafiam abertamente esses princípios pregando a adoção de seus justos contrários.

Uma vez empoderadas, passam a liderar protótipos de regimes degenerados onde retrocessos saltam aos olhos em relação aos direitos humanos, às políticas públicas de proteção aos mais desfavorecidos, ao meio ambiente etc.

A busca pela versão fidedigna dos fatos se tornou uma tarefa ingrata e quase inócua, uma vez que as falsas notícias, ou as *fake news*, como ficaram conhecidas, dominam os subterrâneos e influentes novos meios de comunicação. Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil são ferrenhos usuários do Twitter e demais redes sociais, graças em grande parte às quais foram eleitos.

Os Estados Unidos, a nação mais rica e ainda a mais poderosa e influente da nossa pequena Terra, elegeu um presidente que afirma ser o aquecimento global uma farsa, em que pesem todas as evidências em contrário. Desafiando o conceito de “globalização” – e o bom senso –, insiste em construir um muro separando o seu país do vizinho México. No Brasil, maior economia e mais populoso país da América Latina, uma presidenta democraticamente eleita foi destituída por um golpe parlamentar e, há poucos meses, a maioria de seus eleitores escolheu para presidente um ex-militar cujo lema de campanha foi, de maneira geral, uma pregação que fazia tábula rasa de tudo aquilo que é considerado politicamente correto nos tempos atuais. Eleito sem um programa de governo, procura pôr em prática projetos rudimentares e adotar políticas públicas improvisadas cujas implementações braveam os corações e as men-

* Editores da *DOC On-line*. Marcus Freire: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Manuela Penafria: Universidade da Beira Interior – UBI/Labcom.IFP.

tes daqueles mesmos que o apoiaram, mas que, agora, estupefatos, procuram entender o alvo de suas apostas.

Mais do que nunca é necessário entender o que ocorre na veiculação das imagens em movimento e, notadamente, daquelas em que a mostração e o questionamento da aventura humana no seio do nosso planeta é o seu compromisso por excelência.

Assim, o *Dossier temático* deste número da Doc inicia-se com o artigo “Variações sobre o documentário de Vincent Carelli – (Des)fazendo o novelo”, de Marcos Aurélio Felipe que tem como enfoque a obra de Vincent Carelli e dos cineastas indígenas vinculados ao projeto Vídeo nas Aldeias (VNA), particularmente os dispositivos de (trans)figuração e (re)invenção do mundo histórico, no filme *A festa da moça* (1987) e a questão do cinema indígena brasileiro. Em “‘Cada comprimido é uma reivindicação de posse’: ativismo e identidade no documentário *Meu corpo é político*”, de João Gabriel Maracci, Sofia Favero & Paula Sandrine Machado, discute-se a respeito das relações entre política e corpo, entre o público e o privado. No artigo “Da lágrima à resistência: o clamor ético das vítimas e a potência política do rosto exposto como imagem”, de Frederico Vieira & Ricardo Lessa Filho, reflete-se sobre os *mugshots*, retratos que expõem os rostos e os corpos de vítimas de violência. E em “Do vídeo-ativismo à *Via Digital*: uma nova década do documentário argentino”, Marcel Gonnet Wainmayer vem realçar que entre 2007 e 2015, o incremento da produção de documentários na Argentina resultou, em muito, da “pressão de grupos e associações de documentaristas surgidos ao calor da crise de dezembro de 2001, que reclamavam por uma democratização do acesso aos recursos”.

A secção *Artigos* publica “Martin Scorsese Biopics: visual memory for the future”, de Denize Araujo & Cynthia Schneider que explora os *biopics* de Martin Scorsese enquanto memória e testemunho para o futuro ainda que imbuídos de subjetividade. Nesta secção é, também, publicado o artigo “Territórios epistemológicos do Real nas imagens esféricas do dispositivo VR360°”, por Alberto Greciano & Daniela Zanetti que desenvolve uma reflexão crítica sobre a expansão atual do documentário para “espaços de imersão atmosférica” de realidade virtual.

Em *Leituras*, a resenha intitulada “Raviver l’incandescence du cinéma politique”, de Mickaël Robert-Gonçalves apresenta e perscruta o livro editado por Javier Campo e Humberto Pérez-Blanco, com o título: *A trail of fire for political cinema. The hour of the furnaces, fifty years later*, um livro que, celebrando os 50 anos do filme *La hora de los hornos* (1968), de Octavio Getino e Fernando Solanas, reflete sobre o legado e atualidade de um filme-evento do cinema argentino.

Em *Análise e crítica de filmes*, a dupla de autores Francisco Gabriel Rêgo e Geovana Freitas Paim apresenta um olhar aprofundado do filme *Fata Morgana*, de Werner Herzog em “Paisagem sem significados profundos: uma análise dos comentários em *Fata Morgana* (1971)”.

E, como habitualmente, fechamos a edição divulgando dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm o documentário como seu principal enfoque.